

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

CONTRIBUIÇÃO PARA UM PROGRAMA DE PESQUISA DO PALEOLÍTICO ANTIGO E MÉDIO PORTUGUÊS.

SERRÃO, Eduardo da Cunha; JORGE, Vítor Manuel de Oliveira

Ano: 1970 | Número: 80

Como citar este documento:

SERRÃO, Eduardo da Cunha; JORGE, Vítor Manuel de Oliveira, Contribuição para um programa de pesquisa do Paleolítico antigo e médio português. *Revista de Guimarães*, 80 (1-2) Jan.-Jun. 1970, p. 123-140.

Casa de Sarmento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4800-432 Guimarães

E-mail: geral@csarmento.uminho.pt

URL: www.csarmento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

Contribuição para um programa de pesquisa do Paleolítico antigo e médio português (*)

Por EDUARDO DA CUNHA SERRÃO
e VÍTOR MANUEL DE OLIVEIRA JORGE

1. *Introdução*

Este estudo é a resultante teórica da actividade de investigação realizada até ao presente, no domínio do Paleolítico, por uma equipa do Centro de Estudos do Museu Arqueológico de Sesimbra, do qual os autores são membros (1). Prospecções sistemáticas efectuadas naquele Concelho levaram-nos, sós ou de colaboração, quer a reestudar jazidas já conhecidas, quer à detecção de uma outra; são elas, no primeiro caso, a jazida do Forte da Baralha e a jazida do Promontório do Morro e, no segundo, a do Planalto a nascente de Pinheirinhos. Enquadram-se os materiais destas jazidas na «*facies lusitânica*» do Paleolítico português tal como a definiram em 1942 Henri Breuil e Georges Zbyszewski e, assim, no decorrer das tarefas de classificação e interpretação dos materiais recolhidos, foi naturalmente nas obras daqueles autores e dos que os seguiram que procurámos uma orientação metodológica de base. Esta

(*) Alguns dos temas aqui tratados foram já previamente expostos pelos autores numa comunicação à Secção de Arqueologia da Sociedade de Geografia de Lisboa (Sessão de 23 de Janeiro de 1969); e numa comunicação apresentada às *I Jornadas Arqueológicas* da Associação dos Arqueólogos Portugueses (Lisboa, 17-20 de Novembro de 1969).

(1) Os primeiros relatórios elaborados por esta equipa (constituída pelos autores e por Luís Vasco S. de Oliveira e José Morais Arnaud) e referentes a tais investigações, serão publicados nos *Trabalhos do Centro de Estudos do Museu Arqueológico de Sesimbra*, em preparação.

foi prolongada em variadas entrevistas que o Dr. Zbyszewski nos concedeu nos Serviços Geológicos, auxílio inestimável pelo qual desejamos expressar o nosso reconhecimento.

A concepção de um «estilo lusitânico» e «micro-lusitânico» foi necessária para poder integrar, desde Breuil, as indústrias de seixos afeiçoados do Paleolítico português no quadro cronológico geral do Paleolítico europeu, tal como o reelaborou aquele pré-historiador. Como é sabido, quadros globais como esse têm sempre um carácter essencialmente provisório; baseiam-se na articulação mais compreensiva possível, num dado momento, dos dados de diferentes vias da pesquisa, e cujo desenvolvimento (individual ou de conjunto) não tarda a pô-los em causa (no sentido de revisões de pormenor ou de reformulações totais). Ora, como é sabido, o quadro elaborado por Breuil é susceptível, já hoje, de revisão em muitos sentidos — como o mostra, por exemplo, o quadro criado por François Bordes (1)—, alguns dos quais propõem uma possibilidade de alteração na forma como encaramos geralmente os problemas do Paleolítico antigo e médio português. Deste facto fomos tomando consciência à medida que, paralelamente às tarefas de campo indicadas, ampliávamos a nossa pesquisa bibliográfica, sempre articulada com os problemas específicos das jazidas em estudo, a trabalhos mais ou menos recentes sobre o Paleolítico europeu e mundial. Estes abriram-nos todo um novo naipe de problemas sobre aquelas jazidas, em aspectos cronológicos e etno-sociológicos, e postulando, a um nível puramente arqueológico, um novo método de análise descritiva dos materiais.

Ora tal naipe de problemas, por ultrapassar o âmbito regional que nos demarca o trabalho de campo, e por pôr em causa toda uma visão do Paleolítico antigo e médio do nosso território, é susceptível de fornecer caminhos à pesquisa noutras regiões do país (2); por

(1) V. M. Almagro Basch, *Manual de Historia Universal*, Tomo I, p. 109.

(2) Este facto tem sido verificado pela experiência dos autores no seu trabalho — realizado sobre materiais de outras regiões do país — adentro do Gabinete de Estudos Arqueológicos (Lisboa, em organização), de que também são membros.

isso o trazemos aqui. Convém acentuar que nos restringimos ao Paleolítico antigo e médio, épocas em que predominantemente se incluem os materiais das estações referidas. Aliás, a história do homem (1) apresenta uma nítida clivagem, em todos os seus aspectos, do Paleolítico médio para o recente, quando o progresso se torna independente da evolução biológica, acelerando o mesmo progresso o seu ritmo e levando a uma enorme diversificação das formas técnicas de zona para zona. Acrescente-se que a periodização genérica adoptada, como qualquer outra periodização global, resulta de um compromisso entre os pontos de vista geológico, biológico e cultural, pois que, se restringíssemos o nosso raciocínio às indústrias líticas, a distinção entre um Paleolítico médio e um Paleolítico recente, fora da Europa, seria bastante discutível. Quanto a parâmetros espaciais, as considerações que se seguem incidem sobre o território português metropolitano. Visam elas, em suma, abrir um largo campo problemático ao Paleolítico antigo e médio português, obviamente selectivo, quer dizer, dependente de uma orientação que escolhermos. Ou seja, pretendendo tudo menos esgotar os vastíssimos problemas que levanta o estudo desses períodos no nosso território, mas contudo capaz, segundo cremos, de se concretizar em alíneas de um programa de pesquisa, cuja utilidade excede em muito a região para que inicialmente foram criadas.

A necessidade de um tal programa de pesquisa é óbvia: a mesma pesquisa valerá o que o seu programa valer. Porém, o facto de, entre nós, a pesquisa paleo-antropológica — no sentido cultural e, além disso, amplo desta palavra (2) — se não encontrar devidamente estruturada, não favorece a superação de um certo atomismo de pensar, por um lado, e por outro, de um certo empi-

(1) Por *homem* entendemos, neste estudo, um *fabricante de utensílios (tool-maker)*; utilizamos, portanto, uma definição comportamental e não antropológica (em termos de paleo-antropologia física), abarcando o conjunto dos hominídeos desde o Pleistoceno inferior, ou seja, o conjunto dos antropianos. Esta definição genérica não ignora as dificuldades práticas que, tal como outras definições, levanta.

(2) V. Vítor M. de Oliveira Jorge, «Estatuto epistemológico da paleo-antropologia cultural».

rismo de processos (ambos, não raro, servidos pela improvisação). Para tal superação, no domínio abordado, gostariam os autores que este artigo pudesse ser uma «contribuição», e nela empenham-se tanto mais quanto se sabem não libertos de tais vícios.

2.

2.1

Parece hoje certa a existência de um conjunto industrial (1), bem definido, do Vilafranquiano superior em África e em algumas jazidas europeias, e provável no Médio Oriente e Ásia, o que levou François Bordes, na sua obra de 1968 *Le Paléolithique dans le Monde*, a estabelecer a hipótese da existência, no Velho Mundo, de um conjunto industrial vilafranquiano. Esta hipótese, escorada em factos que exporemos, fundamentará uma proposta de estudo sistemático, por uma equipa constituída por arqueólogos (diríamos com maior propriedade: paleo-antropólogos da cultura), geólogos e outros quaternaristas, dos depósitos do Vilafranquiano superior do território português, com particular incidência nas jazidas com interesse estratigráfico susceptíveis de conterem indústrias humanas *in situ*. Vejamos qual a consistência daquela hipótese e, depois, da proposta apresentada, e que obviamente implica o estender ao território português de uma das principais linhas de força da pesquisa paleolítica.

No caso da África, lembre-se, em primeiro lugar, a bem conhecida jazida de Olduvai (Tanzânia), cujas camadas I e II na base revelaram uma indústria caracterizada pela presença de *choppers* e *chopping-tools*, acompanhados de numerosas lascas não retocadas, mas por vezes utilizadas, conjunto que permitiu definir a chamada «civilização olduvaiense» ou *pebble-culture* em sentido estrito. Esta estação foi a primeira, desde 1959, a permitir inequivocamente a conclusão de que no Vilafranquiano superior da África oriental se encontram

(1) Utilizamos a expressão proposta por Laplace. V. «Typologie statistique et évolution des complexes à lames et lamelles», p. 282, nota 13.

utensílios dos mais primitivos que se conhecem, contemporaneamente a formas de australantropianos. Aliás, já desde 1948 se tinham encontrado em Makapansgat, na África do Sul, certos indícios, menos probatórios, da utilização de instrumentos de pedra (bem como, segundo Dart, de osso, o que o levou a pôr a hipótese de uma *Osteodontokeratic culture*), numa jazida de australopiteco. Por outro lado, mesmo antes das descobertas de australantropianos, em 1919, E. J. Wayland julgou ter descoberto, nos terraços da ribeira Kafu (África oriental), uma indústria muito primitiva obtida a partir de seixos, e que hoje se atribui na sua maior parte a agentes naturais, mas cujos exemplares restantes são integráveis no olduvaiense.

A partir da definição desta indústria primitiva na África oriental, as descobertas de conjuntos de utensílios semelhantes têm vindo a multiplicar-se, até ao momento, por todo o continente africano, acentuando Biberson o facto de, em todo este continente, essa *pebble-culture* ser sucedida por uma «civilização do biface». Os melhores registos estratigráficos para a fundamentação desse facto encontram-se, por exemplo, em Olduvai ou em Sidi-Abderrhaman (Marrocos), mas tal verifica-se desde a África do Sul ao Magrebe, através da África dos Grandes Lagos e do deserto do Sara. Numa primeira aproximação tudo parece indicar, portanto, que a partir da África oriental a invenção do utensílio fabricado se expandiu, primeiro pelas zonas tropicais do Velho Mundo, e, depois, por todo este. Numerosas jazidas com utensílios da *pebble-culture*, infelizmente não contendo restos humanos, atestam, pelo menos, a generalização dos seus primeiros estádios em África. Entre elas, aponte-se o vale do rio Vaal (África do Sul), a bacia do alto Kafila (perto de Elisabethville), a de Kanam (Quênia), o vale do Kagera (região de Nsongezi, Uganda), as camadas do rio Omo (Etiópia do Sul), e, mais para norte, no Sara, os vales do Guir e da Saura. Mas é no Magrebe que encontraremos estações da importância de Aïn Hanech (Argélia) ou da pedreira de Sidi-Abderrhaman (perto de Casablanca, Marrocos). A primeira, descoberta em 1931 por C. Arambourg, revelou, associados a fauna do Vilafranquiano superior, esses poliedros de dolomite, designados por «*sphéroïdes à facettes*» (semelhantes

a outros de Casablanca, Uganda, Tanganica, do Vaal e da Índia) e que vieram assim enriquecer os nossos conhecimentos sobre a tipologia da *pebble-culture* vilafranquiana. Na segunda, além de terem sido revelados, no conglomerado de base, «*sphéroïdes à facettes*» associados a seixos de tipo olduvaiense, pode observar-se toda a evolução da *pebble-culture* à «civilização do biface», ao longo de um registo estratigráfico só comparável ao de Olduvai. Por outro lado, Georges Laplace descobria, em 1953, e também na Argélia, nos travertinos provavelmente vilafranquianos do planalto de Mansura (perto de Constantina), uma indústria obtida a partir de seixos. Já em Marrocos, Biberson distingue quatro estádios na «civilização do seixo afeichoado», os dois primeiros integrando uma *pebble-culture* antiga e os dois últimos uma *pebble-culture* evolucionada. Destes estádios, o último já representa uma fase de transição para a «civilização do biface»; o terceiro, correspondente ao nível saletiano (Vilafranquiano superior) foi identificado, por exemplo, na jazida de Suk-el-Arba do Rharb e, na opinião de Biberson, é comparável à indústria do nível I de Olduvai, sendo os seus poliedros esferóides semelhantes aos de Aïn Hanec, estudados por Arambourg e Balout. Se esta correlação tipológica com Olduvai I pudesse vir a escorar-se numa correlação estratigráfica, teríamos então em Marrocos dois estádios da *pebble-culture* mais antigos do que os identificados em Olduvai: o estádio I e II, correspondentes respectivamente ao Muluiano (Vilafranquiano médio) e Messaudiano. O primeiro, estudado em vários locais, tem como jazida-tipo a de Tardiguet-er-Rahla (bosque da Mamora) e nele predominam os utensílios obtidos por talhe unidireccional. O segundo, identificado, por exemplo, na região de Casablanca, representa já um desenvolvimento do primeiro.

O caso de Marrocos merece particular destaque, pois é de importância fundamental para o estudo do Paleolítico antigo português, visto que, além de ser um dos países do mundo onde este período se encontra mais bem estudado (numa articulação de dados arqueológicos, estratigráficos e paleontológicos), ele seria naturalmente para nós um elemento de comparação, uma vez que se encontra do outro lado do Estreito.

Este facto apontava-o Biberson em 1961, ao escrever: «A privilegiada situação geográfica da Península Ibérica, ponte de união entre a Europa e a Ásia, faz dela uma terra de eleição para o estudo das relações recíprocas entre os dois continentes do Antigo Mundo.» (1) É, apesar de acentuar o facto de, no Paleolítico antigo, Marrocos apresentar um carácter nitidamente africano, não deixa de referir que «quando na Europa se utilizam estes materiais [seixos ou blocos de quartzito] acusam-se semelhanças com as indústrias africanas, quer se trate dos seixos talhados do Garona, *dos das praias portuguesas* [sublinhado nosso] ou das indústrias de arenitos e quartzitos do Manzanares.» (2) Na mesma linha de raciocínio estão as palavras recentes de H. N. Savory: «Os primeiros estádios desta evolução [das indústrias humanas] foram recentemente definidos em correlação com estádios da fauna vilafranquiana, nas jazidas de Marrocos, tendo-se dado ulterior firmeza à hipótese formulada correntemente por estudiosos do Paleolítico da Europa Ocidental, de que os primitivos utensílios de seixo e bifaces que aí aparecem foram introduzidos por homínidas, vindos do noroeste da África e que se espalharam através da Península Ibérica, depois de atravessarem o Estreito.

Infelizmente, o estudo das culturas do Paleolítico inferior da Península está muito atrasado em relação às investigações efectuadas em França e no Noroeste da África.»

(1) «La evolución del Paleolítico de Marruecos en el marco del Pleistoceno atlántico», p. 1.

(2) Idem, p. 28.

Este mesmo facto pôde ser verificado por um dos signatários (V. O. J.), que durante a preparação do presente estudo se deslocou a Marrocos (Março de 1969), para estudar directamente os materiais paleolíticos expostos nos museus de Rabat, Tânger e Tetuão (na realidade, diga-se a propósito, a simples consulta de documentos gráficos tem sido dos maiores impedimentos à realização de estudos comparativos). Acrescente-se que Pierre Biberson, segundo nos noticia por carta de 12 de Março de 1970, pronunciou em 1969 uma conferência sobre a comparação entre o Pleistoceno de Portugal e de Marrocos, que não foi publicada, mas da qual retomou alguns elementos na comunicação apresentada ao *Colóquio Internacional sobre a Estratigrafia e a Fauna do Pleistoceno inferior e médio da Europa* (Moscou) intitulada «Le problème des corrélations entre l'Europe méridionale et l'Afrique du Nord au Pleistocène» (no prelo).

E, mais adiante, acrescenta em relação ao caso português: «O padre Breuil e G. Zbyszewski, dos Serviços Geológicos de Portugal, publicaram estudos muito extensos sobre as indústrias ligadas a praias elevadas da costa portuguesa... A datação proposta para as praias elevadas não teve aceitação geral.»⁽¹⁾ Sem querer corroborar a hipótese formulada por este autor de uma difusão África-Europa via Península Ibérica das indústrias de seixos afeioados (pois que o problema nos parece complexo e de solução a longo prazo), desejamos, citando-o, acentuar a necessidade de um estudo comparado do Pleistoceno dos territórios português e marroquino em todos os seus aspectos. Este estudo deve, aliás, enquadrar-se numa preocupação mais geral de dinamizar a pesquisa do Quaternário português (e, no caso que ora nos importa, do seu mais antigo período, o Vilafranquiano), estudo que tem de ser objecto do trabalho de uma equipa interdisciplinar, sobrepondo-se às barreiras das Faculdades e das pequenas equipas de pesquisa funcionando estanques.

Na realidade, e revertendo à questão que ora nos importa, o Paleolítico antigo português poderá contribuir para a elucidação de alguns dos problemas actuais que o seu estudo à escala mundial levanta. Diversos cientistas estrangeiros nos alertam para tal facto. Por exemplo, escreve ainda Biberson na sua obra *Le Paléolithique Inférieur du Maroc Atlantique* (1961) «Eles [*pebble-tools*] são ainda mais numerosos nas indústrias de seixos provenientes dos terraços do Garona onde parecem pertencer também à «civilização do biface»; mas um estudo aprofundado das jazidas vilafranquiâneas de França bem datadas pelos dados paleontológicos que forneceram, mereceria ser levado a efeito com vista a pesquisar sistematicamente possíveis indústrias humanas tal como nós, com geólogos amigos, realizámos em Marrocos.

O mesmo quanto à península ibérica. O Abade H. Breuil e G. Zbyszewski representaram e descreveram centenas de exemplares de *pebble-tools* na sua obra sobre as indústrias de Portugal e *certos deles parecem pertencer a estádios pré-abbeyvillenses* [sublinhado nosso]. Neste

(1) *Espanha e Portugal*, pp. 28-30.

domínio, como em muitos outros, o Abade Breuil terá sido um genial precursor.» (1)

Vimos genêricamente o apoio factual que o continente africano concede, até ao momento, à hipótese de um conjunto industrial vilafranquiano no Velho Mundo. Os outros continentes não se revelam, a este respeito, tão ricos. É certo que desde que Vaufrey, em 1951, chamou a atenção para os achados de Arambourg em Ain Hanech, numerosos *pebble-tools* começaram a ser descobertos em todo o mundo; porém, só um certo número deles é vilafranquiano, uma vez que, como veremos no decorrer deste trabalho, tais artefactos pertencem a todas as épocas, até à actualidade (2). É assim que no Médio Oriente, a estação de Oubeidiya, na margem direita do Jordão deu, com uma fauna vilafranquiana ou talvez um pouco posterior, utensílios unifaciais e bifaciais feitos a partir de seixos, bifaces triédricos e utensílios de lascas. A imprecisão da sua datação logo desvirtua este caso como útil à nossa hipótese, supondo Bordes mais provável a sua articulação com a camada II de Olduvai do que com a I. No caso da Ásia, se alguns esparsos restos ósseos, em Java e na China, são atribuíveis a australantropianos, as indústrias obtidas a partir de seixos e onde os bifaces estão ausentes persistem até tarde, e «nenhuma parece, de momento, tão velha como em África», escreve o mesmo Bordes (3).

Os achados da Europa permitem-nos já hoje, porém, pôr em causa a noção atrás referida como correspondendo a uma primeira aproximação, que (baseada no facto de em África se terem descoberto os restos dos mais antigos antropianos associados a utensílios e faunas, datáveis de há cerca de dois milhões de anos) postulava como necessária a origem da humanidade naquele continente, e conseqüente expansão para a Ásia e Europa.

(1) P. 510. A propósito, acrescente-se que o seu colaborador, Dr. G. Zbyszewski, prepara um estudo de revisão do Paleolítico português, segundo pessoalmente nos notificou.

(2) Deveremos distinguir três sentidos da expressão *pebble-culture* (ou, se quisermos, três grandes épocas em que surge). Baste-nos agora definir o primeiro como *estrito*, isto é, correspondendo ao Vilafranquiano. Os dois restantes serão objecto das duas alíneas seguintes deste capítulo.

(3) *Le Paléolithique dans le Monde*, p. 49.

Como escreve Bordes: «Na corrida ao berço da humanidade, poder-se-ia dizer, a África tem o papel de favorita, mas a Ásia ou mesmo a Europa são *outsiders* que não disseram a sua última palavra.» (1) Vejamos o que no continente europeu permite esta ressalva.

Em dois pontos a *pebble-culture* europeia vai mais além no tempo do que o Pleistoceno médio: no caso da gruta do Vallonnet (sul de França) e no caso de achados em terraços da Roménia, factos que, avance-se desde já, permitem pôr a hipótese da sua presença no território português, como faz L. Zotz. Escreve este autor: «No que diz respeito à Europa, de acordo com o estado actual dos nossos conhecimentos, estamos no direito de classificar a indústria da gruta do Vallonnet e os seus talhados romenos provenientes do vale de Olt e de Dirjov na nossa fase I [sentido estrito da expressão *pebble-culture*, atrás explicitado], *bem como provavelmente as peças correspondentes de Portugal que são ligadas frequentemente ao Siciliano* [sublinhado nosso] (2).

Concentremos a nossa atenção primeiramente na análise daquelas estações da França e da Roménia.

A gruta do Vallonnet fica situada em Roquebrune-Cap-Martin, na costa mediterrânica francesa, e foi descoberta em 1958 por René Pascal. François Bordes descreve assim esta estação: «Sobre níveis marinhos antevilafranquianos dispõem-se sedimentos de grutas, formados num clima frio, com uma fauna típica do Vilafranquiano superior, quer dizer, contemporânea da camada I e da base da camada II de Olduvai [Fig. 1]. Com esta fauna foram encontrados restos pobres de indústria, mas que são preciosos pelo facto de que atestam formalmente a presença do homem na Europa neste período muito antigo. Há quatro lascas, e cinco utensílios

(1) Idem, p. 51. A propósito, citem-se as seguintes palavras de Bourdier: «... a Europa terciária era rica em primatas e não deve ser excluída dos berços possíveis da humanidade» (*Préhistoire de France*, p. 141).

(2) «Pebble-Culture en Europe Centrale», p. 520. Aliás, já Zeuner escrevia, em 1950: «Assim, Moir tem o grande mérito de ter mostrado ... que o homem pode datar já das fases Vilafranquiana, Siciliana e possivelmente Calabriana. Nos últimos dois ou três anos, esta sugestão foi corroborada pela descoberta de indústrias primitivas em e sobre praias em Portugal e Marrocos, que são consideradas como Sicilianas» (*Dating the Past*, p. 185).

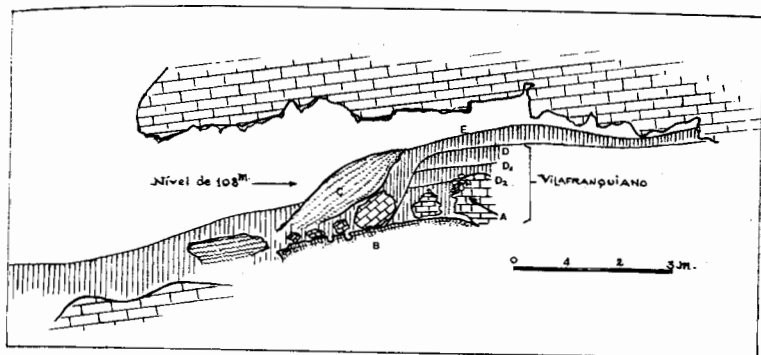


Fig. 1. Gruta do Vallonet — Corte estratigráfico esquemático, no sentido do eixo maior da gruta (segundo Lumley, Gagnière, Barral e Pascal, «La grotte du Vallonet-Roquebrune-Cap-Martin (A.-M.) (Note Préliminaire)», in *Bulletin du Musée d'Anthropologie Préhistorique de Monaco*, n.º 10, p. 8

O mar calabriano corroeu as paredes e o solo da gruta (aberta durante a regressão pós-pleistocénica) e, nos alvéolos e anfractuosidades, depositaram-se areias ricas em Foraminíferos. A rocha corroída foi depois coberta por sedimentos continentais, contendo uma fauna rica característica do Vilafranchiano e alguns utensílios em pedra e osso.

- A) Rocha corroída pelo mar calabriano;
- B) Chão estalagmítico;
- C) Estalagmite de fecho;
- D), D₁, D₂) Solos de alteração (Vilafranchiano);
- E) Depósito pós-vilafranchiano.

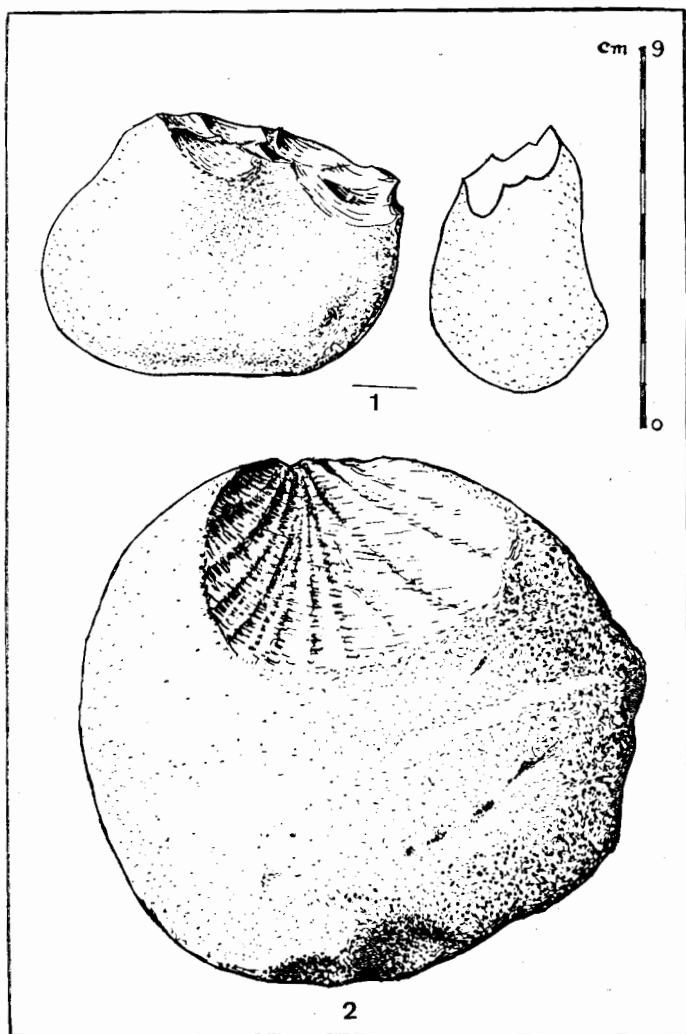


Fig. 2. Indústria lítica vilafranquiana da Gruta do Vallonet (segundo Lumley, Gagnière, Barral e Pascal, op. cit., p. 16)

- 1 — Utensílio obtido por talhe unidireccional (*chopper*);
2 — Seixo com levantamento único numa extremidade.

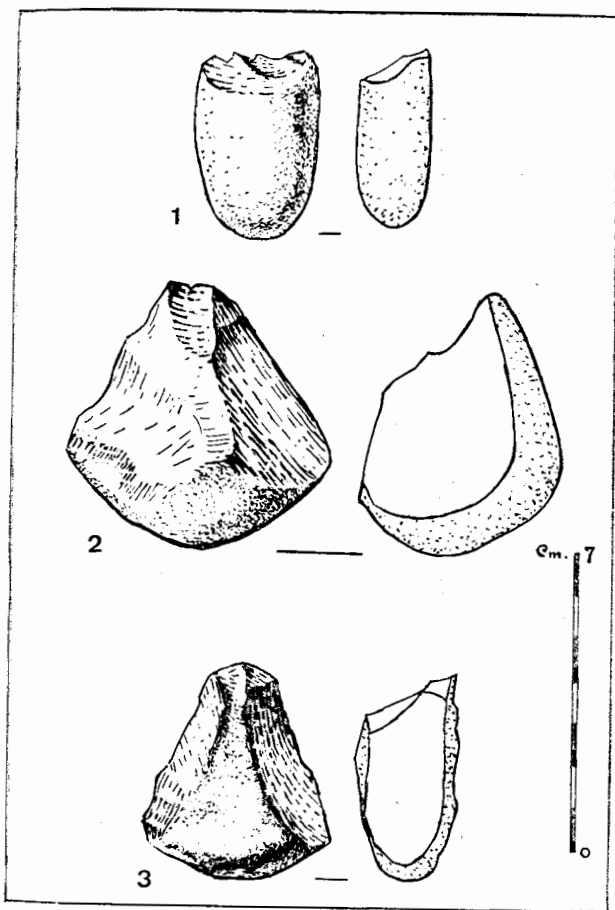


Fig. 3. Indústria litica vilafranquiense da Gruta do Vallonet (seg. Lumley, Gagnière, Barral e Pascal, op. cit., pp. 15 e 17)

1 — Seixo com levântamento único numa extremidade (esse levântamento produziu uma esquirola parasita sobre a faceta de talhe);

2 e 3 — Seixos talhados de tipo «rosto-carenado».

feitos a partir de seixos.» (1) [Figs. 2 e 3]. Há também, um osso seguramente talhado, e outros partidos de forma intencional. Lumley, Gagnière, Barral e Pascal, que os estudaram, referem-se, em apoio da sua interpretação, à descoberta feita por Bourdier, em 1962, na jazida de Saint-Prest (Vilafranquiano superior, um pouco mais recente do que a do Vallonnet) de traços possíveis da acção humana num frontal de mamífero (2). Referem, ainda, o facto de Luttschwager e Van Bommel terem assinalado, no mesmo ano, a descoberta de ossos trabalhados pelo homem nos Países Baixos, em formações do Vilafranquiano superior, e lembram a hipótese de Dart sobre a «indústria osteodontokerática» da África do Sul (Sterkfontein e Makaspangot). Além disso, e reportando-se à indústria da gruta do Vallonnet no seu conjunto os autores estabelecem a hipótese da sua contemporaneidade com o estádio III da *pebble-culture* marroquina, os materiais da jazida de Aïn Hanech e o olduvaiense da África Austral. Esta correlação não poderia, como é sabido, encontrar ao presente uma prova científica, pois o nosso conhecimento da estratigrafia do Quaternário não nos permite, por ora, relacionar cronologicamente dados de um espaço geográfico tão amplo. Este ponto é acentuado por F. Ottmann, ao escrever: «É essencialmente no terreno, pelo estudo detalhado das correlações estratigráficas entre jazidas, que é possível obter uma estratigrafia do Quaternário, *estratigrafia local que é actualmente impossível situar num sincronismo válido para todo o Mediterrâneo e ainda menos para o mundo inteiro*» (3) [sublinhado nosso]. Mas este facto, se impõe muitas reservas à segurança dos nossos conhecimentos sobre o capítulo mais recuado do Paleolítico, não elimina, antes alimenta, a necessidade da construção de hipóteses como a que temos vindo a expor. Além de que nos leva a sugerir a necessidade de contribuímos, com os dados do terri-

(1) Op. cit., pp. 49 e 50. A propósito destes utensílios arcaicos (bem como dos do alto terraço do Garona), escreve Chavaillon: «... não deixam de lembrar certos seixos afeiçãoados do continente africano». (Cf. *La Préhistoire*, p. 91).

(2) Cf. Franck Bourdier, «Existe-t-il des traces d'action humaine sur les ossements de mammifères villafranchiens de Saint-Prest?», in *B. S. P. F.*, tome IX, 1962, fasc. 5-6, pp. 310-313.

(3) Cit. por Jean Chavaillon, in *La Préhistoire*, p. 295.

tório português, para uma articulação das cronologias locais do Quaternário noutras mais amplas. Como é sabido, o estudo pioneiro de Breuil e Zbyszewski em Portugal foi dirigido no sentido de «poder fixar-se para cada indústria o seu contexto geológico e, por conseguinte, conhecer a posição de cada uma delas nas formações costeiras litorais atlânticas e terraços marítimos, por um lado, e nos terraços fluviais, por outro, com a intenção de obter uma correlação entre ambas as espécies de terraços.»⁽¹⁾ Se este estudo fundamental não obteve, nesse seu objectivo primeiro, o *consensus* generalizado do mundo científico, também é verdade que os seus autores tinham razão ao declarar: «As bases de uma nova etapa estão lançadas. É necessário de ora em diante completar, corrigir e estender as nossas descobertas.»⁽²⁾ O seu trabalho monumental abria, assim, a via a toda uma escola de especialistas do Paleolítico português, que se não constituiu (apesar de termos entre nós um Zbyszewski e apesar dos esforços isolados de vários discípulos de Breuil) pela principal razão de que uma pesquisa interdisciplinar se não estruturou. Este facto, e não aquela obra, é o responsável pelo atraso destes estudos no nosso país, no entanto privilegiado (restringindo-nos ao caso particular que nos ocupa), para a resolução do problema da *pebble-culture* ao nível europeu e mundial — pela abundância e diversidade das indústrias de seixos afeiçoados do território português — o que o próprio Breuil já intuía, ao falar, em 1959, da *pebble-culture* do Magoito⁽³⁾. No mesmo sentido estão estas palavras de Coles e Higgs (a propósito das quais, aliás, reproduzem um *pebble-tool* do Magoito): «A indústria de Vallonnet representa uma das mais antigas estações conhecidas na Europa, e pode ser relacionada em tempo com os conjuntos de seixos e lascas recolhidos nos depósitos de praias levantadas em Portugal, em altitudes de mais ou menos 100 metros, bem como de mais ou menos 55-60 metros. Embora estes depósitos de praias

(1) Maluquer de Motes, artigo «Paleolítico em Portugal», in *Dicionário de História de Portugal*, vol. III, p. 299.

(2) Cf. Breuil e Zbyszewski, «Contribution à l'étude des industries paléolithiques du Portugal et de leurs rapports avec la géologie du Quaternaire», vol. II, p. 572.

(3) Cf. «Contribution à l'étude des terrasses quaternaires au Portugal», p. 9.

estejam muito desgastados e incompletos, a sua importância para correlações com a sucessão norte-africana é clara» [sublinhado nosso]. E acrescenta: «Outros testemunhos de indústrias não especializadas de seixos e lascas na Europa provêm do terraço superior do Somme perto de Montières, onde foram recolhidas lascas de sílex em cascalheiras que foram relacionadas com a fase eburoniana da glaciação de Günz, e das cascalheiras do alto terraço do Garona, onde foram recolhidos objectos de quartzo e quartzito.» (1)

É a altura de passarmos ao segundo caso apontado: o da Roménia. Escreveu a esse respeito o romeno. Em Condurachi, em 1963: «Um primeiro resultado obtido no estudo da época mais afastada e ao mesmo tempo mais longa é o facto — de uma importância geral europeia — de que o processo da génese da humanidade se desenrolou também no território do nosso país. Perfeitamente significativos sob esse ponto de vista são os documentos arqueológicos pertencentes à «pebble-culture» descobertos no vale de, Dirjov, semelhantes, sob todos os pontos de vista, aos utensílios encontrados em Oldoway (...). Esta recente descoberta prova que o território do nosso país fez parte da área geográfica dos primeiros «homens símios» ...» (2).

Variados outros exemplos menores poderiam ser apontados, para sinalizar as descobertas recentes de uma *pebble-culture* muito antiga na Europa. Refira-se apenas, como possivelmente datáveis do Vilafranquiano, uma lasca encontrada em 1959 por R. Agache e Franck Bourdier num terraço muito antigo do Somme; e a descoberta, por A. C. Blanc, em Monte Peglia (Itália), de duas lascas e um utensílio de talhe unidireccional (*chopper*), próximo de um afloramento vilafranquiano.

O que fica dito parece perfeitamente justificar a hipótese de um conjunto industrial vilafranquiano no Velho Mundo e, em particular, na Europa. A aceitação deste facto envolve, como é evidente, grande número de questões, algumas já afloradas, e que François Bordes, em síntese, esboça assim, a propósito da importante gruta do Vallonnet:

(1) *The Archaeology of Early Man*, pp. 204 e 205.

(2) *L'Archéologie Roumaine au XX^e Siècle*, p. 53.

«A jazida de Vallonnet parece realmente contemporânea das camadas inferiores de Olduvai, mas a correlação exacta é um problema de difícil resolução. Os sistemas de datação paleontológica de que dispomos actualmente são demasiado grosseiros para que se possa dizer se, adentro do Vilafranquiano superior, que parece ter durado um milhão de anos, o Vallonnet é exactamente contemporâneo de tal nível de Olduvai, da camada I, ou da base da camada II, ou então se é anterior ou posterior. Os sedimentos desta gruta não se prestam à datação pelo potássio. Esta estação prova pelo menos que, desde o Vilafranquiano superior, o homem (provavelmente ao nível do Australopiteco) está já espalhado por toda a África, possivelmente Ásia do sul e pelo menos o sul da Europa. Põe-se aqui um outro problema: a expansão foi feita antes do estádio da descoberta do utensílio, ou depois? Muitos antropólogos terão repugnância em aceitar que esta evolução se tenha podido fazer independentemente em diversos locais e momentos, e pensarão portanto que a expansão é posterior. Nós veremos contudo que certas invenções devem ter sido feitas diversas vezes. Se esta expansão é posterior, em que sentido se fez? Pareceria mais provável que fosse no sentido África-Ásia e África-Europa, pois se conhecem numerosos restos de australopitecos na África oriental ou mesmo na África do Norte. Mas eles estavam aí presentes, os utensílios provam-no, e abundam mesmo no Magrebe. Os achados de restos ósseos são devidos em grande parte ao acaso de conservação, e a África do sul com as suas velhas grutas, a África oriental com os seus bordos de lagos celados pela cinza vulcânica, são sem dúvida terrenos mais favoráveis à conservação dos fósseis. Os depósitos muito antigos de grutas, na Europa, não são muitas vezes mais do que retalhos que escaparam às numerosas vasaduras, consequência das fortes variações climáticas do Pleistoceno. Há também uma questão de sorte. Leakey procurou durante vinte e cinco anos antes de encontrar. É pois possível que as descobertas futuras desloquem o centro de gravidade da linhagem humana para o norte ou este» (1).

(1) *Le Paléolithique dans le Monde*, pp. 50 e 51. Note-se que é ainda possível ir mais longe, considerando, de acordo com certos pré-historiadores, uma origem policêntrica do homem.

No que toca a Portugal em particular, em que para o Paleolítico antigo não possuímos vestígios de fósseis humanos, o mais antigo estádio industrial assinalado até hoje é o Abbevillense, que Zbyszewski considera datável de desde o final de Mindel ou, quando muito, do Siciliano. No mesmo sentido se orienta Savory, que afirma que «não podemos assegurar a existência de um horizonte cultural do Paleolítico inferior na Península Ibérica, antes do início da Grande Interglaciação Mindel-Riss), isto é, há 200 000 ou mesmo 300 000 anos.»⁽¹⁾ Cremos, porém, diga-se a concluir, que a continuação do estudo da «*facies* costeira» do Paleolítico português, como dos mais antigos terraços fluviais e depósitos de grutas, nos moldes interdisciplinares que consideramos indispensáveis, pode vir a ter uma palavra a dizer na questão da *pebble-culture* vilafranquiana.

(*Continua*)

⁽¹⁾ *Espanha e Portugal*, p. 30.